

Carroças e Ferraris

13 FEV 1997

O GLOBO

JOSÉ SARNEY

Quem conhece as pressões que se exercem sobre a Presidência da República, o jogo dos interesses econômicos que se entrelaçam na trama de envolvê-la, e lê as últimas declarações do presidente Fernando Henrique, contra essa investida para que o Brasil escancare sua economia, sabe que terminou a lua-de-mel e já conhece o que está além das carícias das primeiras noites.

Gilberto Amado gostava de reafirmar que as nações, diferentes das pessoas, não têm sentimentos, têm interesses. Essa história dos países ricos pedindo que, em nome de uma irmandade ideal, abramos nossa economia, recebamos a todos e a tudo, dando tratamento igual, é a velha história do Cavalo de Tróia, aquele que chegou para invadir a cidadela. A globalização nada mais é, de fato, que dois fenômenos: a tecnologia da informática e, por consequência, a interdependência dos mercados financeiros. O capital não tem pátria, ele recebe a sua certidão de nacionalidade em qualquer casa de câmbio. Por isso mesmo, a economia real é 20 vezes menor que o mercado financeiro que circula, dia e noite, pelo

mundo inteiro, como uma bomba de não se sabe quantos megatons. Caiu sobre o México apenas uma espoleta e causou um estrago que até hoje não se pode calcular.

O Brasil entrou nessa onda, sem projeto prévio nem avaliação de suas consequências. Por modismo. Começou com a fascinação do jovem Collor pela velocidade e inconformação com os carros brasileiros, as "carroças". Ele tinha o gosto das "Ferraris". Sua visão não era uma economia sólida inserida no contexto mundial. Era uma "fórmula-1" nas estradas: um campeonato em Mônaco. Depois, fomos avante com o chique da modernidade, a ilusão da nossa capacidade de competir, como se isso fosse um ato de vontade, de querer, e não uma realidade de poder. A seguir ficamos com o medo de sermos chamados de retrógrados, de dinossauros, de fósseis políticos. E o Brasil escancarou as portas, foi invadido de norte a sul pelas bugigangas turísticas do Paraguai, oriundas de Coréia, Taiwan, China e de todo lado. Tarifa zero, compe-

tir! A verdade é que para competir é preciso condições de competência. E nós não tínhamos e não temos, como um país onde os juros vão além dos 4% ao mês, a taxa anual do mundo, condições de enfrentar sem uma avaliação racional os concorrentes. Portanto, antes de abrir, temos de preparar-nos, modernizar-nos.

Não é ser retrógrado, é ser realista para não ser bobo. Temos de conter a quebra-deira geral, o sucateamento da indústria nacional, a quebra do sistema bancário e a falência da agricultura. Senão entregaremos a economia nacional nas "bacias das almas". O alerta do presidente Fernando Henrique mostra que ele está em sintonia com um sentimento que é de todo o país.

Com essa parada para avaliação é possível resolver o problema da balança comercial e sua armadilha da defasagem do câmbio. As luzes vermelhas estão acesas. Fazer ouvidos surdos à lengalenga do secretário de Comércio e Indústria dos EUA que pede para o Brasil começar uma nova e completa onda de liberalização. Ele fala pelos ricos que ne-

cessitam completar a invasão econômica e, depois, o Brasil será um satélite, ou quando muito, um planeta Saturno gigantesco de gás e nuvens, de anéis, girando em torno do Sol, mas sem vida e apenas uma reserva de mercado.

A voz de alerta e de contenção, feita em Londres, pelo presidente Fernando Henrique, está certa. Ele afirmou: "Não é possível mais continuarmos nessa abertura selvagem" e "considerar precipitado esse processo." Ele está certo.

Estou na Europa e vejo os países desenvolvidos e ricos tomando as vacinas e questionando as receitas neoliberais que desencadearam os maiores índices de desemprego de todos os tempos. O deus mercado resolve tudo, mas não resolve os problemas sociais. Todos se defendem e o presidente Fernando Henrique tem de defender o Brasil. Sua voz é forte e está no caminho correto. A outra receita é feita para os ricos e não para o povo.

Sei das pressões que o Brasil vai sofrer. Mas o presidente deve resistir. Ele terá ao seu lado a consciência da História e do destino do país, que não foi feito para ser reboque de ninguém.

JOSÉ SARNEY é senador pelo PMDB do Amapá.

A outra receita
é feita
para os ricos e
não para
o povo.
